

## **A EDUCAÇÃO NA TEORIA SOCIOLÓGICA DE DURKHEIM E MARX**

Maria Auxiliadora de Almeida\*  
maria.almeida@dmt.ifmt.edu.br  
Reinaldo Gomes de Arruda\*\*  
reinaldo.arruda@dmt.ifmt.edu.br

### **RESUMO**

Este artigo analisa teorias sociológicas clássicas identificando nelas aproximações e modos de compreensão da educação. A partir de textos de Durkheim e Marx aponta como os diferentes modos de explicar a relação indivíduo/sociedade influencia na maneira de pensar a educação. Esta, como prática social, tem relação intrínseca com a sociologia, portanto é fundamental pensar a educação a partir de teorias sociológicas, que mesmo nas suas divergências apresentam caminhos para a reflexão acerca da realidade educacional na sociedade atual.

**Palavras-chave:** Sociologia; teorias clássicas; educação.

### **1 INTRODUÇÃO**

A Sociologia nasce e desenvolve-se com as realizações e os dilemas da Modernidade, principalmente em Paris, capital do século XIX, em meados desse século, com a manifestação das forças sociais, das configurações de vida, as originalidades e os impasses da sociedade civil, urbano-industrial, burguesa ou capitalista. Sociólogos contemporâneos ensinam que a Sociologia, devido a um contínuo diálogo com a Filosofia, guarda a peculiaridade de pensar-se continuamente, bem como de refletir sobre a realidade social, busca compreender, explicar e influenciar as transformações e crises sociais. Portanto, a Sociologia é uma forma de autoconsciência científica da realidade social.

A Sociologia divide-se em tendências, escolas, teorias, interpretações, que conforme Ianni (1989) em essência se reduzem a três princípios explicativos para os quais voltam-se às contribuições da maioria dos sociólogos dos séculos XIX e XX: causação funcional, conexão de sentido e contradição. Esses são princípios explicativos principais, nos quais se sintetizam os fundamentos das mais diversas tendências, teorias, escolas ou interpretações. O princípio da causação funcional está presente em Spencer, Comte, Durkheim, Parsons, Touraine e outros. O da conexão de sentido inspira Dilthey, Rickert, Weber, e outros. E o da contradição fundamenta as contribuições de Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Lukacs,

---

\* Pedagoga. Doutoranda em Sociologia. Instituto Federal de Mato Grosso.

\*\* Artista Plástico. Mestrando em Educação. Instituto Federal de Mato Grosso.

Gramsci, Goldmann e outros.

Assim, desde que a Sociologia se debruçou sobre as relações, os processos e as estruturas que constituem a sociabilidade humana na sociedade moderna, surgem também diferentes modos de explicar a relação indivíduo/sociedade. É inegável a contribuição de teorias sociológicas clássicas, não como verdades absolutas, mas, porque possuem princípios explicativos que balizam uma ciência, que, por sua vez, podem ser considerados e até mesmo questionados e reelaborados. Marx e Durkheim são teóricos clássicos da Sociologia que têm maneiras diferentes de explicar a relação indivíduo/sociedade, abordagens que ao longo de gerações têm influenciado o pensamento sobre a educação do indivíduo.

Dessa forma, este artigo faz uma análise de como as teorias sociológicas desses dois autores concebem a relação indivíduo/sociedade e, a partir disso como a educação é compreendida por esses teóricos.

## **2 DURKHEIM: O CARÁTER SOCIAL DA EDUCAÇÃO**

Émile Durkheim, representante da tradição sociológica estrutural funcionalista a quem Collins (2009) atribui a inauguração da tradição durkheimiana, é um dos intelectuais que mais contribuiu para a consolidação da Sociologia como ciência empírica (com objeto e método) e disciplina acadêmica. Durkheim representa essa tradição porque legitimou a Sociologia como uma ciência com suas próprias generalizações. “Augusto Comte cunhou o termo “Sociologia” e vislumbrou a possibilidade dessa ciência; Durkheim levou adiante algumas ideias de Comte, e conquistou seu primeiro sucesso ao organizar a Sociologia enquanto uma disciplina intelectual” (COLLINS, 2009, p. 160).

Durkheim nasceu em Espinal, na França, em 1858. Morreu em 1917. Em 1882 concluiu Filosofia e recebeu o título de *Agrégé de Philosophie*. Durante os vários anos que ensinou Filosofia nos liceus, também iniciou seus estudos sobre ciências sociais. Ministrou aulas de Pedagogia e Ciência Social na *Faculté de Letras de Bordeaux*, de 1887 a 1902. Conforme Rodrigues (2000) esse foi o primeiro curso de Sociologia oferecido em uma universidade francesa e em uma cidade voltada para o comércio do Novo Mundo, com espírito burguês e republicano e com influência do racionalismo cartesiano.

A sua tese principal de doutoramento foi publicada em 1893: *De la division du travail social* e reeditada em 1902, ano em que deixou Bordeaux. Sua intensa atividade intelectual também se mostra nos seus esforços para fundar a revista, *L'Année Sociologique*, com

colaboradores que constituíram a escola francesa de Sociologia. Em 1902, tornou-se suplente na cadeira de Ciência da Educação na *Sorbonne* em Paris e em 1906 assume a cadeira de titular e paralelamente ensinou Sociologia. Em 1913 a sua cadeira de titular foi nomeada de Ciência da Educação e Sociologia, consolidando a Sociologia como uma disciplina acadêmica.

A Sociologia tem objeto e método. O objeto, para Durkheim é o fato social carregando consigo o princípio de que a sociedade prevalece ao indivíduo. Durkheim pensou a Sociologia como uma ciência da ordem social, que deveria desenvolver leis que permitissem diferenciar os estados normais e os patológicos do organismo social. Contudo, Collins (2009) argumenta que esse aspecto da concepção de Durkheim é contrário à teoria do conflito, pois, em vez de procurar compreender os conflitos de interesse que fazem parte uma sociedade real, condena alguns deles como meramente patológicos, como uma anomia.

O fato social é definido como “toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais” (DURKHEIM, 2007, p. 13).

Nesse sentido, o modo de agir, pensar e sentir é condicionado pela sociedade, que prevalece ao indivíduo, pois a vida social tem seu fundamento na sociedade e não no indivíduo. Portanto, os fatos sociais são exteriores porque provém da sociedade; são coercitivos porque são impostos pela sociedade e são objetivos porque já existem e funcionam independente do uso que o indivíduo faz deles. Enfim, “são dotados de uma força imperativa e coercitiva em virtude da qual se impõem a ele, quer ele queira, quer não” (DURKHEIM, 2007, p. 2).

Vale salientar que os fatos sociais não podem ser confundidos com fenômenos orgânicos, pois consistem em representações e ações coletivas que independem das manifestações individuais, e nem com os fenômenos psíquicos visto que só têm existência na consciência individual. Os fatos devem receber a qualificação de sociais. “A maior parte de nossas ideias e de nossas tendências não é elaborada por nós, mas nos vem de fora, eles só podem penetrar em nós impondo-se; eis tudo o que significa nossa definição” (DURKHEIM, 2007, p. 4).

Os fatos sociais recebem a qualificação por Durkheim de fenômenos morais, porque além de sociais são constituídos pelas ideias, estas determinam as ações sociais dos indivíduos de uma sociedade. São valores orientadores de ação dos indivíduos na sociedade. Os valores sociais são imbrincados por uma força imperativa e coercitiva, que, portanto são impostos. Se

o indivíduo tentar violar as regras elas reagem contra o mesmo por meio de sanções impostas como punições, risos, exclusão que tem o mesmo efeito de uma condenação. "A moral resulta da vida em comum" (DURKHEIM, 2011, p. 59) e muda quando a sociedade muda.

Durkheim ensinou Pedagogia e a Sociologia ao mesmo tempo, sua doutrina da educação é um elemento essencial de sua Sociologia. Desse modo, a educação é eminentemente social para Durkheim, o ser social é constituído pela educação. "A educação tem justamente por objeto produzir o ser social" (DURKHEIM, 2007, p. 6). E ainda, exemplifica a educação como fato social pelo processo de socialização da criança, na qual, o meio social exerce a todo instante uma coerção sobre a criança com a intenção de moldá-la a sua maneira.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objeto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular (DURKHEIM, 2011, p. 54).

A natureza da razão dessa educação está na explicação de que cada sociedade apresenta um sistema de educação de caráter dual: singular e múltiplo. Múltiplo porque em uma sociedade existem tipos e meios de educação diferentes, heterogêneos (educação feita na cidade não é igual a do campo, do burguês não é igual do operário, de uma profissão para outra...). Singular porque todas essas educações têm uma base comum, ou seja, "certo número de ideias, sentimentos e práticas que a educação deve inculcar em todas as crianças sem distinção, seja qual for a categoria social à qual elas pertencem" (DURKHEIM, 2011, p. 51).

Decerto, para Durkheim, cada sociedade tem um ideal físico, intelectual e moral de homem, sendo este ideal comum para todos os cidadãos, e este ideal, único e diverso ao mesmo tempo, é o cerne da educação. Portanto, a educação deve desenvolver na criança: 1º) estados físicos e mentais que a sociedade na qual ela está inserida exige de todos os seus membros e 2º) estados físicos e mentais que o grupo/meio social (classe, família, profissão) consideram como obrigatórios para seus membros. Assim, a sociedade e meio social determinam o ideal de homem que a educação deve construir.

Nessa perspectiva Durkheim afirma que a sociedade vive da homogeneidade de seus membros e a educação deve fortalecer e manter essa homogeneidade. "A sociedade só pode viver se existir uma homogeneidade suficiente entre seus membros; a educação perpetua e fortalece essa homogeneidade gravando previamente na alma da criança as semelhanças essenciais exigidas pela vida coletiva" (DURKHEIM, 2011, p. 51).

Pode-se dizer que a educação para Durkheim consiste em um processo de socialização, visto que deve formar o social. Esse ser social é constituído pelo estado mental e acontecimentos da vida do indivíduo e, também pelo sistema de ideias, sentimentos e hábitos que exprimem no indivíduo a personalidade do grupo ou grupos dos quais faz parte, como: crença religiosa, crenças e práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais e as opiniões coletivas de todo tipo. Esse ser social não resulta da espontaneidade, é criado pela educação.

Nesse viés, para que a educação desempenhe sua função coletiva, com vistas à adaptação da criança ao meio social e estabeleça uma comunhão de ideias e sentimentos entre os cidadãos, não pode ficar submetida à vontade individual, deve, pois, ficar submetida ao Estado. Durkheim afirma que a sociedade e o Estado devem mostrar interesse pela educação. "Uma vez que a educação é uma função essencialmente social, o Estado não pode se desinteressar dela. Pelo contrário, tudo o que é educação, em certa medida, deve ser submetido à sua ação" (DURKHEIM, 2011, p. 63).

Por fim, pode-se dizer que essa concepção de educação como meio de inculcar, moldar, coagir, impor normas, valores, modelos, sentimentos, hábitos, enfim, de fortalecer a heterogeneidade ainda influencia as práticas educacionais que são adotadas onde se concebe esse processo como inculcação de valores, de comportamentos, de aprendizados. Isso predomina na maioria das escolas que buscam enquadrar seus alunos em seus modelos, é a forma padrão do professor agir. Esse modelo de educação busca a forma-homem dominante: homem branco, adulto, heterossexual e cristão. Esse é o modelo único é a dimensão predominante nessa forma de conceber a educação.

## **2.1 AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO SER SOCIAL**

Em que medida a educação pode ser eficaz? A distância que a educação deve percorrer está entre o que o homem é ao nascer (egoísmo natural) e a personalidade que ele deve formar para desempenhar um papel na sociedade, ou seja, para se tornar um homem preparado para a vida. É sabido que as crenças, regras, ideias e práticas são impostas e transmitidas pelas gerações mais velhas. O indivíduo as recebe por serem coletivas e por possuírem uma autoridade que a educação ensinou a respeitar (DURKHEIM, 2007). Nesse sentido, o mecanismo essencial da ação educativa é a autoridade.

A criança só aprende o dever e em que ele consiste pelo modo como seus pais e

professores ensinam pela linguagem, comportamento e exemplo. "Isto significa que a autoridade moral é a principal qualidade do educador, pois é através dessa autoridade contida nele que o dever é dever" (DURKHEIM, 2011, p. 71). É próprio do educador o tom imperativo com o qual deve se dirigir às consciências, como também o respeito pelos desejos alheios, e não é próprio do professor a violência. A autoridade é uma primazia moral que implica confiança e sentimento de autoridade.

Durkheim explica que o professor adquire essa autoridade em si mesmo, ou seja, na sua fé interior e na grandeza de sua tarefa que perpassa pela interpretação das ideias morais da nação. A autoridade é complementada pela liberdade, eis os dois fatores da educação. A liberdade implica autocontrole, ação guiada pela razão e cumprimento do dever. Dessa maneira, a autoridade do professor é um aspecto da autoridade do dever e da razão e deve ser usada para dar à criança o autocontrole. A autoridade e superioridade do professor devem ser reconhecidas pela criança, a fim de que a mesma mais tarde a reencontre em sua consciência e aceite o que for determinado.

Durkheim acredita que os fatos sociais e as regras morais têm a finalidade de controlar a conduta humana, à medida que vão sendo internalizados na consciência dos indivíduos. E decerto a consciência individual é determinada pela consciência coletiva (o que a sociedade pensa e aparece na forma de representações), que age sobre o indivíduo de forma coercitiva determinando o seu comportamento. Essa consciência é exemplificada com a educação, posto que o indivíduo ao nascer desconhece as regras de conduta necessárias para a vida em sociedade, por isso, a sociedade precisa educá-lo em relação as regras necessárias para a vida social.

## **2.2 DAS REGRAS DO MÉTODO: OBSERVAÇÃO DOS FATOS SOCIAIS**

Definido o objeto de estudo da Sociologia, ou seja, os fatos sociais (e especificado a educação como fato social), Durkheim buscou elaborar um método específico da Sociologia que pudesse analisar e explicar o objeto (fato social). Como surgem? Por que existem e por que analisá-los? Esse método deveria assemelhar-se ao método das ciências naturais para possibilitar a observação dos fenômenos sociais com atenção e objetividade, bem como sem pré-noções e preconceitos na atividade científica.

Em outras palavras, a sociedade consiste de representações: ideias, crenças, sentimentos e noções que regulam a conduta. Como essas representações estão muito mais

próximas da consciência do indivíduo do que a realidade em si, causaria uma confusão entre o objeto (fato social) e as ideias formuladas pelo observador (sujeitos). Para superar essa relação entre sujeito e objeto e o conhecimento científico "a primeira regra e a mais fundamental é considerar os fatos sociais como coisas" (DURKHEIM, 2007, p. 15), isto é, estudá-los de fora, como coisas exteriores.

As coisas sociais só se realizam através dos homens; eles são um produto da atividade humana, portanto, parece não ser outra coisa senão a realização de ideias, inatas ou não, que trazemos em nós, senão aplicação dessas ideias às diversas circunstâncias que acompanham as relações dos homens entre si (DURKHEIM, 2007, p. 15).

A segunda regra é distinguir os fenômenos normais dos fenômenos patológicos. Os fatos normais são aqueles que são o que devem ser, enquanto que os patológicos são os que deveriam ser de outro modo. "Um fato social é normal para um tipo social determinado, considerado numa fase determinada de seu desenvolvimento, quando ele se produz na média das sociedades dessa espécie considerada na fase correspondente de sua evolução" (DURKHEIM, 2007, p. 65).

A terceira regra para construir o objeto de estudo da Sociologia está relacionada à explicação dos fatos sociais. "A causa determinante de um fato social deve ser buscada entre os fatos sociais antecedentes, e não entre os estados da consciência individual" (DURKHEIM, 2007, p. 112), isto é, os fatos sociais devem ser explicados a partir de fatos sociais anteriores, visto que a função de um fato social está na sua relação com algum fim social. E ainda, para explicar os fenômenos de ordem social é preciso identificar as suas relações causais e a sua função, por meio da observação e experimentação indireta (por não poderem ser reproduzidos em laboratório) através do método comparativo.

### **3 MARX: PELA EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO**

Karl Marx dedicou muito tempo de sua vida ao estudo da sociedade capitalista. O envolvimento com a organização e luta dos trabalhadores levou-o a propor a construção de um novo modelo de sociedade, a socialista. Conforme Ianni (1980), a análise do regime capitalista feita por Marx não se restringe às relações econômicas, visto que aborda os fenômenos como fenômenos sociais totais. Os trabalhos de Marx são interpretações de como o modelo capitalista de produção mercantiliza as relações, as pessoas e as coisas, ao mesmo

tempo em que desenvolve as suas contradições.

Karl Marx nasceu de uma família da classe média em Trier (capital da província alemã) em 5 de maio de 1818, em um contexto histórico em que Trier era influenciada pelo liberalismo revolucionário francês e pela reação ao Antigo Regime. Em 1836 estudou Direito na Universidade de Bonn e em 1837 transferiu-se para a Universidade de Berlin onde perde o interesse pelo Direito e dedica-se à Filosofia, especializando-se nas obras de Hegel. Em 1841 com a tese sobre as diferenças entre as filosofias de Demócrito e Epicuro recebeu o título de doutor em Filosofia e retorna a Trier, onde a expectativa de ser docente na Universidade de Bonn foi frustrada. E 1842 começa a colaborar com o jornal *Rheinische Zeitung - Gazeta Renana* - onde conheceu seu amigo, incentivador e parceiro intelectual Friedrich Engels..

Dentre as principais obras de Marx destacam-se a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1843), *Manuscritos Econômicos Filosóficos* (1844), *A Sagrada Família* (1845), em colaboração com Engels escreveu e publicou *Teses Sobre Feuerbach* (1845), *A Ideologia Alemã* (1848), *O Dezoito Brumário de Luiz Bonaparte* (1852), *Contribuição à Crítica da Economia Política* (1859) e *O Capital: crítica à Economia Política* (1867).

Para Marx (2013), explicar a existência da sociedade é explicar o momento em que os homens tiveram de se organizar para se manterem vivos, ou seja, construir abrigos, produzir alimentos, roupas, para garantirem a sua existência. Dessa forma, a sociedade é compreendida como uma construção dos homens na sua relação com a natureza e com os outros homens. O trabalho é o conceito central para entender o desenvolvimento da sociedade e da própria construção da teoria marxista, pois o trabalho é um processo do qual participam o homem e a natureza, em que o ser humano controla, impulsiona sua relação material com a natureza trazendo utilidade para a vida humana, além de transformar a natureza e a si mesmos por meio do trabalho.

Nessa relação dos homens entre si e dos homens com a natureza, Marx também tem como foco a relação indivíduo e sociedade, porém não como Durkheim que considera a sociedade superior ao indivíduo, mas indivíduo produzindo em sociedade, em relação mútua. O indivíduo é um ser social, é produzido em sociedade, a produção dos indivíduos é socialmente determinada. Nessa perspectiva o objeto de estudo da Sociologia para Marx é a sociedade, que é explicada como resultante da construção dos homens, em relações recíprocas consigo e com a natureza, mediadas pelo trabalho.

O método de estudo de Marx para a interpretação do capitalismo é o materialismo dialético porque entendia que a realidade tem contradições, que por estarem em constante movimento, resultam em transformações na realidade social. Mas também, o materialismo

dialético e o materialismo histórico são dois elementos principais e conjugados do mesmo processo teórico-prático de reflexão do capitalismo.

O capitalismo é um sistema de mercantilização universal e de produção de mais-valia. Ele mercantiliza as relações, as pessoas e as coisas, ao mesmo tempo, pois, mercantiliza a força de trabalho, a energia humana que produz valor. Por isso mesmo, transforma as próprias pessoas em mercadorias tornando-as adjetivas de sua força de trabalho (IANNI, 1980, p. 8). E ainda, a mais-valia e a mercadoria criam relações de dependência, alienação e antagonismo. Na análise dialética elas são como sistemas de relações antagônicas e essas relações não se resolvem sem que o capitalismo seja pensado.

A dialética marxista aprofunda-se nas relações de antagonismo, haja vista que o princípio da contradição direciona o modo de pensar e o de ver, e, aparece em todas as épocas histórias e em todos os modos de produção. “A análise dialética torna transparentes as relações, os processos e as estruturas capitalistas. Opera como uma técnica de desmascaramento, pois que exige a crítica das ideias, conceitos ou representações, sob os quais as pessoas, as classes sociais e as coisas aparecem na consciência e na ciência” (IANNI, 1980, p. 11). Assim sendo, a análise dialética constitui e transforma o objeto, na medida em que desvenda seus fetichismos, contradições e movimentos.

### **3.1 AS CLASSES SOCIAIS**

Para Marx (2013) a história de toda sociedade é a história da luta de classes. Qualquer sociedade é dividida em classe e a organização dos homens para produzir mercadoria gera duas classes distintas: a dominante e a dominada. Na Roma Antiga haviam os patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; Na Idade Média, os senhores, vassalos, mestres das corporações, aprendizes, companheiros, servos. Na sociedade moderna a sociedade burguesa, que emergiu da ruína da sociedade feudal e fortaleceu novas condições de opressão.

A época em que vivemos simplificou o antagonismo de classe dividindo a sociedade em duas grandes classes em confronto: a burguesa e o proletariado, a primeira são os capitalistas modernos que detém o controle da produção e exploram a força de trabalho e a segunda são os despossuídos dos meios de produção detendo apenas a sua força de trabalho, são mercadoria (MARX e ENGELS, 2005). Nessa relação, “o poder é a burguesia que se apoia na propriedade dos meios de produção” (HOBSBAWN, 2011, p. 36).

Portanto, com o desenvolvimento da burguesia, ou seja, do capital desenvolveu-se

também a classe dos assalariados modernos que vendem a sua força de trabalho para sobreviver porque são desprovidos dos meios de produção. Por isso, é válido ressaltar que o capitalismo é um sistema de mercantilização universal e de produção de mais-valia que mercantiliza as relações, as pessoas, as coisas, a força de trabalho e a energia humana que produz valor. Por isso mesmo, transforma as próprias pessoas em mercadorias (IANNI, 1980).

Por conseguinte, essas classes sociais, conforme Marx e Engels (2005), não convivem harmonicamente no sistema do desenvolvimento produtivo, estão em luta permanente e em uma relação de antagonismo e alienação/exploração. Por exemplo, as corporações foram substituídas pela manufatura com a abertura de novos mercados. A grande indústria moderna dominou a manufatura e a média burguesia manufatureira cedeu lugar aos milionários da indústria, aos burgueses modernos. Por sua vez, a grande indústria criou o mercado mundial que acelerou a expansão do comércio, da indústria e multiplicou o capital da burguesia e consolidou seu poder político.

A burguesia desempenhou ao longo da História um papel revolucionário. Equivale a dizer que na conquista de seu poder a burguesia destruiu relações sociais. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca, substituiu as numerosas liberdades conquistadas duramente, por uma única liberdade sem escrúpulos: a do comércio. “Para Marx, a burguesia é a classe revolucionária que constrói o capitalismo depois de ter surgido com o desenvolvimento e a desagregação das relações de produção do feudal” (IANNI, 1980, p. 14).

Hobsbawn (2011) enfatiza que vários aspectos centrais da análise de Marx continuam válidos e relevantes: o primeiro é a análise da irresistível dinâmica global do desempenho econômico capitalista e de sua capacidade de destruir tudo quanto se antepusesse a ele, até mesmo aqueles elementos do legado do passado humano do qual ele próprio se beneficiaria, como as estruturas familiares. O segundo é a análise do mecanismo de crescimento capitalista, pela geração de contradições internas, como o crescimento levando a crises e mudanças e produzindo concentração econômica numa economia cada vez mais globalizada.

Marx e Engels (2005) destacam ainda que pela exploração do mercado mundial a burguesia roubou da indústria sua base nacional, as indústrias nacionais são substituídas por indústrias que não mais empregam matérias primas nacionais, mas, matérias primas de regiões de todas as partes do mundo, o intercâmbio é universal. E isso também se remete tanto a produção material como à produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se patrimônio comum, nasce, portanto, a literatura universal.

Se o proletariado, em sua luta contra a burguesia, se organiza forçosamente como classe, se por meio de uma revolução se converte em classe dominante destrói violentamente

as antigas relações de produção, destrói, juntamente com essas relações de produção, as condições de existência dos antagonismos entre as classes e destrói as classes em geral e, com isso, sua própria dominação como classe. Em lugar da antiga sociedade burguesa, com suas classes e antagonismos de classe, surge uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos (MARX; ENGELS, 2005, p. 59). Assim, ao desaparecer o antagonismo de classe e toda a produção for concentrada nas mãos dos indivíduos associados, o poder político perderá seu caráter político, porque o poder político é o poder organizado de uma classe para opressão da outra.

Assim sendo, a classe social se acha na base, dos movimentos, lutas e impasses. Por conseguinte a classe social, as condições e consequências de seu antagonismo e lutas na sociedade capitalista, é uma preocupação persistente nas obras de Marx, que aponta a necessidade do confronto entre o proletariado e a burguesia visando o colapso final do capitalismo.

### **3.2 A EDUCAÇÃO E A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO**

Para Marx e Durkheim, a era moderna apresentava uma perspectiva de desenvolvimento social. Todavia enquanto que para Durkheim a industrialização poderia gerar uma vida social harmoniosa através da divisão social do trabalho e do individualismo moral, para Marx, a industrialização teve como problema a divisão do trabalho e a constituição de duas classes antagônicas, portanto, desarmônicas, mas acreditava que a luta de classes resultaria em um sistema social mais justo e mais humano.

Durkheim distingue duas formas de solidariedade: 1) a mecânica (o indivíduo é o todo, não tem consciência da sua individualidade, tem os mesmos sentimentos e valores da coletividade) e 2) a orgânica (o indivíduo se insere em grupos intermediários que lhe dá vínculo social, como a organização sindical). A divisão do trabalho para Durkheim tem como consequência a especialização e posição moral anômica do trabalhador, e, é superada pela solidariedade orgânica e pela educação disciplinadora, por isso a necessidade de uma educação disciplinadora visando a integração moral do indivíduo. A educação para Durkheim não é elemento transformador, mas um mecanismo de reprodução do fato social.

Em contraste com Durkheim, Marx (2013) não acredita que a solução seja a integração moral do indivíduo perante as consequências da divisão social do trabalho, mas sim na necessidade de dissolução efetiva da divisão do trabalho porque a divisão do trabalho

pressupõe: concentração dos meios de produção nas mãos do capitalista, autoridade incondicional do capitalista sobre seres humanos transformados em mercadoria, submissão do trabalhador antes independente à disciplina do capital, hierarquia entre os próprios trabalhadores. “Não só o trabalho é dividido e suas frações são distribuídas entre os indivíduos, mas o próprio indivíduo é mutilado e transformado no aparelho automático de um trabalho parcial” (MARX, 2013, p. 415).

De acordo com Ianni (1980) na divisão social do trabalho que ocorre na indústria, o processo de divisão entre o capitalista e o operário se consolida. O operário se transforma em operário parcial, em peça adjetiva da máquina. Devido essa fragmentação do processo produtivo no desenvolvimento da divisão social do trabalho o operário é levado a utilizar apenas uma parte das suas faculdades criativas. A divisão do trabalho traz consigo distorções no desenvolvimento e na expressividade física e espiritual do operário. “Esse grau de alienação que passa pela divisão social do trabalho na fábrica, em cada setor econômico e na sociedade, é uma determinação da produção de mais-valia relativa” (IANNI, 1980, p. 16).

E ainda, para Marx (2013) a divisão do trabalho leva a alienação do trabalhador através da especialização e da exploração. Depois de desenvolver até atingir uma única especialidade sacrificando a capacidade de trabalho do ser humano à qualquer formação, ocorre a desvalorização da força de trabalho, decorrente da eliminação ou da redução dos custos de aprendizagem, que, resulta para o capital, em acréscimo imediato de mais valia, pois tudo o que reduz o tempo de trabalho necessário para reproduzir a força de trabalho aumenta o domínio do trabalho excedente.

Como forma capitalista do processo social de produção, é apenas um método especial de produzir mais-valia relativa ou de explicar o valor do capital, o que se chama de riqueza social, à custa do trabalhador. Ela desenvolve a força produtiva do trabalho coletivo para o capitalista, e não para o trabalhador, e além disso, deforma o trabalhador individual. Produz novas condições de domínio do capital sobre seu trabalho. Revela-se de um lado, progresso histórico e fator necessário do desenvolvimento econômico da sociedade, e, do outro, meio civilizado e refinado de exploração (MARX, 2013, p. 420).

Com efeito, a compreensão de Marx acerca da divisão do trabalho, decerto estabelece uma correlação com a educação, torna Marx como um dos maiores pensadores de todos os tempos que tem uma influência reflexiva e prática no campo da educação. Na divisão do trabalho Marx entende que o trabalhador é absorvido pelo trabalho parcial, especializado e pela exploração da sua força de trabalho de maneira que se vê impedido de buscar outras formas de conhecimento, de crescimento profissional e intelectual. Como peça de uma

máquina, o trabalhador não precisa pensar, criar e recriar. São simples membros submetidos completamente ao capitalismo. Isso interfere no desenvolvimento do indivíduo e constitui o cerne da exploração.

Marx e Engels (2005) no manifesto comunista afirmam que a cultura, cuja perda o burguês deplora, é para a imensa maioria dos homens apenas um adestramento que os transforma em máquinas. A educação doméstica deve ser substituída pela educação social, haja vista que a educação da burguesia é determinada pela sociedade, pela intervenção direta ou indireta da sociedade por meio das escolas para a burguesia. "os comunistas não inventaram a intromissão da sociedade na educação, apenas procuram modificar seu caráter arrancando a educação da influência da classe dominante" (MARX; ENGELS, 2005, p. 55).

Nesse viés, a educação era vista por Marx como um instrumento de manutenção e reprodução de uma estrutura social que se beneficiava da ignorância e da incapacidade reflexiva das pessoas, chamadas por ele de proletariado. Portanto, Marx faz uma crítica a atual instituição escolar, propondo uma educação sem influência da classe dominante. Ao proletariado seria preciso grande inteligência para compreender que, ao mudarem as relações de vida dos homens, as suas relações sociais, a sua existência social, mudam também as suas representações, as suas concepções e conceitos, muda a sua consciência.

E ainda, Marx e Engels (2005) enfatizam que o palavreado burguês sobre a família e a educação, sobre os doces laços que unem a criança aos pais, torna-se cada vez mais repugnante à medida que a grande indústria destrói todos os laços familiares dos proletários e transforma suas crianças em simples artigos de comércio, em simples instrumento de trabalho.

Entre as dez medidas elencadas no manifesto comunista como indispensáveis à transformação radical de todo o modo de produção, a décima se refere a educação: "10. Educação pública e gratuita a todas as crianças; abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje. Combinação da educação com a produção material etc." (MARX; ENGELS, 2005, p. 58). O trabalho manual deveria ser unido ao intelectual. Isso porque, para Marx a emancipação dos indivíduos, sua libertação das condições opressoras só poderia se dar quando a emancipação alcançasse todos os níveis, entre eles, o da consciência. A educação atingiria esse objetivo, mas uma educação sem influência da classe dominante. Enfim, Marx e Engels não escreveram um texto específico sobre educação, tampouco uma proposta de educação, mas fazem referências à educação ao longo de toda a sua obra, pois acreditavam na educação como instrumento de transformação com emancipação dos indivíduos (no nível da consciência).

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marx e Durkheim como teóricos clássicos da Sociologia também explicam a relação indivíduo/sociedade, que por sua vez influenciam o pensamento sobre educação. Enquanto que para Durkheim a sociedade prevalece sobre o indivíduo, e, a educação é um processo de socialização e um fato social com a função de produzir o ser social com força imperativa e coercitiva para fortalecer e manter a homogeneidade com a inculcação de valores, pensamentos e aprendizagens, para Marx o indivíduo se constrói em sociedade em relações recíprocas consigo e com a natureza mediadas pelo trabalho, e, a educação é um instrumento de transformação.

### EDUCATION IN THE SOCIOLOGICAL DURKHEIM AND MARX THEORY

#### ABSTRACT

This article analyses classical sociological theories identifying on them approaches and ways of understanding of education. Durkheim and Marx's writings show how different ways of explaining the relation individual / society influence the way of thinking about education. As a social practice, the latter has an intrinsic relationship with sociology, so it is fundamental to think education as of sociological theories, even in their differences show a reflexive perspective about the educational reality in actual society.

**Keywords:** Sociology; classical theories; education.

#### REFERÊNCIAS

DURKHEIM E. **Educação e sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins, 2007.

COLLINS, R. **Quatro tradições sociológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HOBBSAWN, E. **Como mudar o mundo**. Centauro: São Paulo, 2011.

IANNI, O. (Org.). **Karl Marx: Sociologia**. Tradução. Maria Elisa Mascarenhas, Ivone de Andrade e Fausto N. Pellegrini. 2. ed. São Paulo: Ática, 1980.

\_\_\_\_\_. A Sociologia e o mundo moderno. **Tempo Social; Rev. Sociol.** USP, S. Paulo, v. 1, p. 7-27, 1989.

MARX, K.; ENGELS F. **Manifesto comunista**. Tradução Álvaro Pina. 4. ed, São Paulo: Boitempo, 2005.



MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. v. 1. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

RODRIGUES, J. A. (Org.). **Émile Durkheim**: Sociologia. 9. ed. São Paulo: Ática, 2000.

Recebido em 12 de julho de 2016. Aprovado em 26 de setembro de 2016.